

RESENHA REVIEW

Bosco Brasil. *Cheiro de chuva. Novas diretrizes em tempos de paz.* São Paulo: Aliança Francesa; Consulado Geral da França em São Paulo; IMESP, 2007. 232 p.

O dramaturgo Bosco Brasil nasceu em São Paulo, no ano de 1960, e formou-se em Teoria do Teatro – Dramaturgia e Crítica Teatral - pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. É considerado um dos expoentes da nova geração de dramaturgos brasileiros, tendo integrado o movimento de renovação dramatúrgica da década de 90, destacando-se a partir da estreia de *Budro*, peça com a qual recebeu os Prêmios Shell e Molière de melhor autor no ano de 1994. Em 1995, funda o Teatro de Câmara de São Paulo, na Praça Roosevelt, com repertório integralmente dedicado à dramaturgia contemporânea. De suas criações dramatúrgicas destacam-se: *Atos e Omissões* (1995), *Qualquer Um de Nós* (1995), *O Acidente* (1995), *Os Coveiros* (1998), *Novas Diretrizes em Tempos de Paz* (2001), *Blitz* (2002) e *Cheiro de Chuva* (2002).

As peças *Cheiro de Chuva* e *Novas Diretrizes em Tempos de Paz* foram encenadas pela primeira vez em São Paulo no ano de 2002. Ambas compõem o volume da primeira publicação dos dramas de Bosco Brasil, realizada em 2007, pela IMESP - Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - em parceria com a Aliança Francesa e o Consulado Geral da França. O autor é o primeiro brasileiro a ser publicado na coleção *Palco sur Scène*, que apresenta em edição bilíngue a nova produção em dramaturgia brasileira e francesa.

A primeira peça do volume, *Cheiro de Chuva*, mostra a relação de um aluno com sua professora de dança durante uma aula, enquanto os dois esperam a chegada da chuva. O sutil envolvimento a partir dos passos de dança, as reflexões e as culpas, os medos e desejos afloram de forma lenta e delicada ao longo da narrativa dramática, pontuados pela expectativa de que um evento externo, através da introdução de cheiros, sons e sensações da natureza, venha estimular um momento decisivo: a revelação de uma paixão latente e proibida e suas consequências.

A ação da peça transcorre num estúdio durante uma aula de dança de salão. Nesse espaço vazio há a presença de espelhos imaginários situados, conforme indicação do autor, em todas as direções. Os corpos dos atores e seus movimentos são o foco principal da cena, assim como um relógio de parede que para nos momentos em que as personagens olham-se no espelho, geralmente em direção ao público, e empreendem um novo percurso espacial e temporal. Nesse outro plano, há o momento de reflexão individual, do pensamento de autoavaliação e de uma cristalização nas relações através do voltar-se a si, num percurso de questionamento existencial que depende, porém, da presença do outro.

Há no texto diálogos breves pontuados por silêncios e retornos, há olhares furtivos que se cruzam através do espelho e há, ainda, encontros que retraem e impulsionam olhares em fuga para uma janela imaginária. O que deveria ser dito perde o rumo e se dispersa no reflexo do espelho. A Professora e o Aluno, assim exclusivamente nominados pelo autor, numa referência à posição que ocupam naquele espaço, naquele momento e naquela ação, deixam aflorar suas diferenças e experiências a partir da indicação de personagens dada na rubrica inicial: “O Aluno, nem tão velho quanto sente que é. A Professora, nem tão menina quanto de fato é.” (23). Na alternância entre monólogos e diálogos, o autor revela personagens e conduz o drama com forte intensidade através do desenrolar de questionamentos: quem são aquelas pessoas e quem deveriam ser, o que fazem e o que deveriam ou não fazer, e como os compromissos de uma realidade externa à aula de dança se confrontam com aquele momento, considerado por eles o momento único do encontro. O autor, nesse caso, não dá respostas: deixa em suspenso o ato da entrega e, assim, a decisão final fica por vir. Sabe-se apenas, ao som de trovões, que uma forte tempestade se aproxima. E que, entre o casal, há a necessidade latente de deixar-se ficar um pouco mais.

O texto seguinte, *Novas Diretrizes em Tempos de Ppaz*, tornou-se um dos dramas mais difundidos do autor, com montagens apresentadas em várias localidades do Brasil e do exterior. A obra coloca em cena o confronto entre um imigrante polonês e um agente policial que faz a triagem na imigração, assim como a rede de relações entre eles que daí se estabelece.

A ação é situada no dia 18 de abril de 1945, data próxima ao final da Segunda Guerra Mundial, numa época em que os imigrantes só podiam entrar no Brasil com salvo-conduto enquanto esperavam o acordo de trégua. No porto do Rio de Janeiro, Segismundo, o funcionário da alfândega, é instruído a impedir a entrada de espiões nazistas e deve interrogar o agricultor polonês Clausewitz.

Inicialmente percebe-se a referência direta ao drama *A vida É Sonho*, do espanhol Calderòn de La Barca, através do nome da personagem do interrogador. Segundo a trama do século XVII, depois que o rei recebe uma revelação dos astros de que seu filho, Segismundo, seria cruel e tirano, o monarca determina que, logo após o nascimento, a criança seja presa numa torre até atingir a maioridade. Em *Novas Diretrizes em Tempos de Paz*, o interrogador Segismundo, assim como o anti-herói do teatro barroco espanhol, necessita ficar trancado em sua sala para exercer a tirania até perceber-se como ser humano consciente e sensível, numa relação à maioridade definida por Calderòn. Já o imigrante Clausewitz faz referência ao estrategista militar prussiano Carl von Clausewitz, que viveu entre os séculos XVIII e XIX e escreveu a obra *Da Guerra*. Considerado um grande mestre da arte da guerra, suas lições de tática e estratégia vão além dos exercícios militares propriamente ditos, para se constituírem numa profunda reflexão sobre a filosofia da guerra e da paz. Essa condição se manifesta na personagem do texto atual, que se revela hábil na condução do confronto e no jogo de poder estabelecido.

Na ação dramática de *Novas Diretrizes em Tempos de Paz*, as lembranças do passado tornam-se significativas para constituir a posição e o embate entre as personagens. Os nomes seguem características de suas referências: Clausewitz é um ator assombrado por familiares e amigos brutalmente assassinados durante a guerra, e tenta entrar no país fazendo-se passar por agricultor; Segismundo cumpre as tarefas que lhe são delegadas e, se necessário, espanca até a morte as pessoas que interroga.

O cruzamento das lembranças de ambos se transforma em pano de fundo para a exposição de diferentes facetas de suas personalidades. Segismundo vê contradições no depoimento do homem que se diz agricultor, mas que sequer possui calos nas mãos, e que é capaz de falar português sem nunca ter pisado no Brasil. Deve exercer seu papel de interrogador, mas revela sensibilidade ao deixar-se envolver pela situação e provoca Clausewitz com a aposta de que só permitirá sua entrada no país se ele o fizer chorar por meio de algum relato, nos dez minutos que restam para o navio zarpar. Inicia-se, assim, um jogo de busca e negação das próprias identidades: o polonês, para afastar a suspeita de espião nazista, afirma-se através do teatro, e consegue fazer com que o interlocutor chore durante a interpretação de uma das passagens do drama *A Vida É Sonho*. O torturador, tomado de encantamento, deixa-se levar pela história contada pelo agricultor, que finalmente revela ao interlocutor a sua real profissão de ator. Assim, o jogo de poder se inverte e dilui, e o sentido de humanidade aflora através da expressão artística. O drama de Calderòn é utilizado por Bosco Brasil de maneira intertextual, para afirmar a possibilidade de

mudança existente numa realidade aparentemente irreversível. A partir disso, o ator inquieta-se: “Eu decidi ser agricultor. Eu não quero mais saber do Teatro. O senhor acha que tem lugar para o Teatro no mundo, depois desta Guerra?” (85) E, depois da emoção e do choro sensível do interrogador, enquanto Clausewitz narra a trama de *A Vida É Sonho*, a própria ação responde à sua inquieta indagação.

Nos dois dramas de Bosco Brasil percebe-se, através das personagens, a necessidade de construção de uma auto-imagem a partir de um novo foco, do ponto de vista distanciado, refletido e formatado na visão do outro. Ao salientar-se o estilo de narrativa dramática do autor, encontra-se a forte identificação com a visão de um sujeito que já não se basta sozinho, um indivíduo que tem, em seus questionamentos existenciais, mais do que o impulso de autoafirmação, a necessidade de autorrepresentação. Em *Cheiro de Chuva* e *Novas Diretrizes em Tempos de Paz* o que se vê é o confronto de duas personagens que atingem o ápice emocional através da relação de alteridade que se estabelece: na primeira, no conflito da paixão velada e proibida que move professora e aluno através do ensaio de passos de dança, fragmentados e interrompidos por pensamentos desencadeados a partir do reflexo no espelho; na segunda, pela relação de poder e submissão entre um imigrante polonês e o interrogador da sala de imigração, no exercício de sua função, e a luta para não deixar que essa relação de alteridade provoque a temida e vital inversão de papéis.

Para tanto, os recursos da linguagem dramática se concentram nas alterações e deformações de tempo e espaço: no primeiro texto, através da sala espelhada, cujos reflexos permitem a autorrepresentação de uma nova imagem, acompanhados pelo movimento do relógio que anda, pára, estanca o tempo e volta a movê-lo; no segundo, numa sala completamente fechada, onde o espelho constrói-se na presença única do outro e a duração temporal acompanha as transições psicológicas das personagens. Essas transformações de tempo e espaço estão diretamente ligadas ao andamento da ação e da estrutura dos dramas, dadas pela alternância de monólogos e diálogos e pontuadas pela expressão dos conflitos deflagrados pelas relações humanas. O sentido de dualidade e a relação de alteridade, que aqui se transformam em chave para a expressão de questionamentos particulares e existenciais, surgem nesses textos como base fundamental para o desenvolvimento da narrativa dramática de Bosco Brasil.

Luciana Éboli

Doutoranda em Letras pela PUCRS